

Soares, Antônio Mateus. Porto Seguro – Bahia – turismo predatório e (in) sustentabilidade social. *GeoGraphos*. [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 2 de junio de 2016, vol. 7, nº 87 (22), 25 p. [ISSN: 2173-1276] [DL: A 371-2013] [DOI: 10.14198/GEOGRA2016.7.87(22)].



<http://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>

Vol. 7. Nº 87 (22)

Año 2016

PORTO SEGURO – BAHIA – TURISMO PREDATÓRIO E (IN) SUSTENTABILIDADE SOCIAL

Antônio Mateus Soares

Doutor em Ciências Sociais; Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB; Líder do Grupo de Pesquisa: Violência, Território e Direitos Humanos; Porto Seguro- Bahia – Brasil;

E-mail: antoniomateuscs@gmail.com

RESUMO

A cidade de Porto Seguro que se localiza no Brasil, no sul da Bahia, apresenta potencial de grande atração turística. O turismo em Porto Seguro é marcado por contradições que potencializam desigualdades e violências, associadas ao tráfico de drogas. Tal paradoxo eleva Porto Seguro a décima posição entre as cidades mais violentas do Brasil, situação de vulnerabilidade social, negação de direitos humanos e efetivação de um turismo predatório. O trabalho compreende pontualmente os dois lados desta situação, o primeiro apresenta a fetichização de Porto Seguro como um lugar idílico, o outro lado apresenta os elevados índices de criminalidade ligada ao tráfico de drogas. A metodologia deste estudo utilizou o cruzamento de dados estatísticos oficiais e pesquisas de campo. O estudo conclui que há um grande abismo entre a cidade ideal vendida e fetichizada como paraíso turístico reificado por uma mídia mercantil, e a cidade real ignorada por esta mesma mídia, e onde a população vive ao meio de um fogo cruzado que se monta e um diagrama de controles negociados, ilegalismos na expansão do tráfico de drogas e de uma economia ilícita que se inclui na economia turística.

Palavras chaves: Brasil, turismo, violência, tráfico de drogas.

PORTO SEGURO - BAHIA - TURISMO DEPREDADOR Y (EN) SOSTENIBILIDAD SOCIAL

RESUMEN

La ciudad de Porto Seguro que se encuentra en Brasil, en el sur de Bahia, presenta un potencial importante atracción turística. Turismo en Porto Seguro está marcada por contradicciones que las desigualdades de poder y la violencia asociada con el tráfico de drogas. Esta paradoja plantea Porto Seguro a la décima posición entre las ciudades más violentas de Brasil, la vulnerabilidad social, la negación de los derechos humanos y la aplicación de un turismo depredador. El trabajo comprende puntualmente ambos lados de esta situación, la primera muestra la fetichización de Porto Seguro como un lugar idílico, el otro lado ha altos índices de delincuencia relacionada con el tráfico de drogas. La metodología de este estudio se utilizó el cruce de datos estadísticos oficiales y de investigación de campo. El estudio concluye que hay una gran brecha entre la ciudad ideal vendido y fetiche como un paraíso turístico cosificado por unos medios de comunicación comerciales, y la ciudad real ignorado por los mismos medios, y donde la población vive en medio de un fuego cruzado que se monta y diagrama negocia controles, ilegalidades en la expansión del tráfico de drogas y una economía ilícita que incluye la economía turística.

Palabras clave: Brasil, el turismo, la violencia , el tráfico de drogas.

PORTO SEGURO – BAHIA - PREDATORY TOURISM AND (IN) SOCIAL SUSTAINABILITY

ABSTRACT

The city of Porto Seguro which is located in Brazil, in the south of Bahia, presents potential major tourist attraction. Tourism in Porto Seguro is marked by contradictions that power inequalities and violence associated with drug trafficking. This paradox raises Porto Seguro to tenth position among the most violent cities in Brazil, social vulnerability, denial of human rights and enforcement of a predatory tourism. The work punctually understands both sides of this situation, the first shows the fetishization of Porto Seguro as an idyllic place, the other side has high crime rates linked to drug trafficking. The methodology of this study used the crossing of official statistical data and field research. The study concludes that there is a great gulf between the city ideal sold and fetishized as a tourist paradise reified by a commercial media, and the royal city ignored by the same media, and where the population lives in the middle of a crossfire that mounts and diagram traded controls, illegalities in the expansion of drug trafficking and an illicit economy that includes the tourist economy.

Key words: Brazil, tourism, violence, drug trafficking.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta sumariamente questões no âmbito da compreensão da atividade turística em Porto Seguro, na Bahia, no Brasil. O conteúdo é oriundo de discussões no grupo de pesquisa Violência, Território e Direitos Humanos, na Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. As questões levantadas se referem às contradições da espetacularização turística e seus efeitos nocivos para o território, apontaremos alguns efeitos da atividade turística na cidade de Porto Seguro na costa do descobrimento, buscando compreender quais relações existem entre os impactos negativos do turismo em Porto Seguro e seus reflexos na ampliação dos índices de criminalidade. O estudo articula as duas faces do turismo, aquela preconizada por construções fetichistas em torno da ideia paradisíaca do lugar, e a forma como se constitui o turismo predatório, apoiado por um hedonismo radical, expresso através de exploração sexual, aventuras eróticas com adolescentes e jovens, consumo de entorpecentes e tráfico de drogas ilícitas o que repercute na ampliação dos índices de homicídios e alocação de Porto Seguro entre as dez cidades mais violentas do Brasil. Na dialética de fatores, consideramos a importância da econômica do entretenimento turístico para Porto Seguro: geração direta e indireta de emprego, implementação de receita municipal, relativo investimento na infra estrutura, mas também indícios da operacionalização de um sub turismo predatório que se articula a outros fatores e geram efeitos impactantes no crescimento do tráfico de drogas e no aumento da violência e da criminalidade juvenil na região. Assim, esboçamos às relações entre o turismo predatório e a teia de relações que dinamizam o diagrama da criminalidade associada ao tráfico de drogas varejista em Porto Seguro, polarizado nos bairros do Campinho e do Baianão, considerados periferias de Porto Seguro, cidade de médio porte que apresenta aproximadamente 144 mil habitantes (IBGE-2014), localizada no extremo Sul da Bahia e conhecida como um dos principais destinos turísticos do país.

O turismo possui uma grande importância no mundo globalizado, ele apresenta relevância em dimensões globais e locais, ao articular uma cadeia de produção e serviços ele pode beneficiar as populações locais, entretanto, conforme sinalizaremos neste artigo há diversas distorções e efeitos colaterais no fenômeno turístico, entre eles poderemos destacar impactos que têm efeitos negativos nas identidades locais e o aumento da criminalidade e da violência. Como uma atividade que se constitui através do fluxo de pessoas no espaço geográfico o turismo em suas mais variadas modalidades possibilita trocas materiais e simbólicas de grande valor cultural, ampliando dimensões de mundo e promovendo o entretenimento dos indivíduos.

Os problemas relacionados ao turismo se exacerbam quando o interesse econômico passa a interferir negativamente nas relações sociais dos lugares de atração turística, quando os interesses na atividade são direcionados apenas pela ultra mercantilização, que em seu processo de fabricação produz capturas simbólicas e fetichizações. Seguindo esta lógica de espetacularização que mobiliza os desejos hedonistas, os lugares, as culturas, os patrimônios e as identidades são esvaziadas de autenticidades e reinventadas artificialmente como meros produtos de comercialização, vinculações superficiais são instituídas e atreladas a uma radicalização hedonista que possuem efeitos nocivos as comunidades locais.

Para os “marqueteiros” do turismo não importa como seja a apropriação do lugar e do patrimônio cultural, pois o que se pretende é a criação de um mito que possua um forte poder de atração turística. No negócio que se empreende, o valor de uso cívico do lugar turístico cede lugar para o valor de troca, e nesta troca os sentidos do lugar ao que se refere a sua memória coletiva, identidades sociais e patrimônios simbólicos são adulterados para o atendimento do interesse do capital. Acompanhando a rapidez das mudanças impostas pela digitalização do mundo pós-moderno a “indústria cultural”, criou novas estratégias de legitimação e de comercialização de suas mercadorias “culturais”. A sutileza destas novas estratégias atende as necessidades do planejamento do capital financeiro, que refletem na operacionalização do turismo. O fato é que a demasiada artificialização da atividade turística, sob a égide do interesse econômico, subvertem identidades e representações, potencializa uma série de desigualdades que fragiliza as relações instituídas e potencializa o lado predatório do turismo, apresentando efeitos perversos sobre o lugar, a exemplo dos elevados índices de violência e criminalidade.

No Brasil a atividade turística possui destaque internacional, o país apresenta ampla riqueza natural disseminada em um imenso território coberto por diversas paisagens. Outro fator que gera atrativos no turismo brasileiro é sua riqueza cultural, muitas vezes divulgadas pelo futebol e pelo carnaval, que talvez sejam às “grandes bandeiras” de nosso potencial turísticos, não às únicas porém as mais referenciadas. Mesmo com relativos avanços e investimentos governamentais, o turismo nacional necessita de um maior planejamento, sobretudo ao que se refere à infra estrutura turística: transporte terrestre e aéreo, segurança, mão de obra qualificada entre outros fatores, que se associam a uma economia sustentável nos lugares de potencial turístico.

Segundo relatório produzido por Blanke e Chiesa (2009), para o World Economic Forum, no Índice de Competitividade em Viagens e Turismo – TTCI, o Brasil ocupa o 45º lugar mundial em consolidação de negócios no setor turístico, ocupando o segundo lugar entre os países da América Latina e o quinto no continente americano. O turismo é uma atividade importante para o Brasil, em 2013 o país recebeu 6 milhões de turistas estrangeiros, sendo considerado como o

principal destino turístico da América do Sul, outro dado importante é que a receita gerada pelos turistas internacionais atingiram 6,6 bilhões de dólares em 2012¹.

Entre os diversos roteiros turísticos brasileiros o nordeste se destaca como uma das principais regiões em poder de atração para visitantes de toda parte do mundo, e nesta região a Bahia apresenta um conjunto de polos turísticos que despertam o interesse de milhões de turistas anualmente, além de possuir o maior litoral brasileiro, a Bahia também apresenta patrimônios históricos de grande valor cultural. O Estado baiano sempre aparece entre os mais visitados no Brasil, fetichizado como terra de beleza natural e de grandes ícones na literatura e na música². No início da década de 80, começaram os esforços para a interiorização do turismo. A BAHIATURSA – empresa pública de turismo do Estado da Bahia, realizou um conjunto de diagnósticos para mapear o potencial turístico das micro regiões do Estados, estabelecendo planejamentos nas prioridades de investimentos. Desenvolvendo o Programa Caminhos da Bahia, que integrava: Litoral Sul: Porto Seguro, Ilhéus e Valença; Litoral Norte de Salvador; Recôncavo: Cachoeira e Itaparica; São Francisco: Juazeiro e Paulo Afonso; Chapada Diamantina: Jacobina e Lençóis. Atentando-se que o turismo quando potencializado é um grande gerador de receita, em 2000 a política de interiorização do turismo na Bahia foi mantida e ampliada com novas estratégias de zoneamento turístico (2003-2020). Neste zoneamento foram ampliadas algumas possibilidades já sinalizados nos anos 80, a exemplo do Lagos do São Francisco (Extremo Norte); Caminhos do Oeste; Chapada Diamantina (Região Central do Estado); Costa dos Coqueiros (Litoral Norte); Bahia de Todos os Santos; - Costa do Dendê; Costa do Cacau; Costa do Descobrimento; Costa das Baleias (Litoral do sul e extremo sul).

A cidade de Porto Seguro, cenário deste estudo, se localiza na Costa do Descobrimento e mobiliza um conjunto de produtos turísticos, que dinamizam a economia do entretenimento da região, entretanto, nosso objetivo principal não é necessariamente analisar a atividade turística em Porto Seguro, ou avaliar o crescimento da criminalidade isoladamente, mas montar o esboço de como se associam os usos distorcidos do turismo e como acontece sua articulação às dinâmicas de reprodução do tráfico varejista de drogas nesta cidade, levando em consideração os canais e as teias relacionais estabelecidas nesta trama que se movimenta através de composições de fronteiras e transversalidades entre o legal e o ilegal; afirmação e disputa de territórios; aliciamento e execução de jovens entre outras questões, que levam a situações de insustentabilidade social e a corrosão dos direitos humanos, a se expressar nos altos índices de criminalidade.

Na busca de recursos para a compreensão da relação estabelecida entre turismo predatório, economia do entretenimento, violência e tráfico de drogas em Porto Seguro, realizamos um conjunto de diálogos formais e informais com membros de comunidades, sobretudo nos bairros do Baianão e do Campinho; conversas com representantes de instituições sociais, a exemplo de professores e estudantes de escolas públicas localizados nos territórios onde há tráfico de

¹ Cf. Informação: Número de turistas estrangeiros no Brasil subiu acima da média mundial em 2013 (29 de janeiro de 2014). Disponível em <http://blog.planalto.gov.br/>. Acessada em 20 de janeiro de 2015.

² Cf. Pesquisa "Hábitos de Consumo do Turismo Brasileiro 2009", realizada pelo Vox Populi em novembro de 2009. Disponível em http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/todas_noticias/Noticias_download/13.11.09_Pesquisa_Hxbitos_2009.pdf. Acessada em 20 de janeiro de 2015.

drogas; entrevistas com delegado e membros da polícia federal, civil e militar; pastores evangélicos; líderes de associações de bairro. Muitas falas se repetiam e expressavam o recorrente em relação às dinâmicas do tráfico: as disputas de territórios; os jogos de poder; a fetichização da vida bandida; realização de tribunais do crime; extorsões, ameaças; execuções; produção do medo e o suposto apoio de comunidades à ação dos traficantes.

No esquema de buscas de informações, se destacam o diálogo com um repórter policial, morador de um dos bairros em estudo, que além de nos apresentar um rápido diagrama situacional do tráfico de drogas em Porto Seguro, disponibilizou alguns áudios de falas de traficantes utilizados em comunicações, via whatsapp; este repórter que se integra a um imprensa local “espirra sangue”, difundida através de programa de rádio e blog sensacionalista, também indicou alguns nomes-chaves para a compreensão deste fenômeno, entre estes, políticos locais; empresários do ramo do turismo; e membros de facções criminosas. Além da escuta de áudios, diálogos e entrevistas realizadas, se incorpora como recurso metodológico, a produção de um conjunto de anotações oriundas de observações de campo. Não utilizaremos todo o material coletado neste trabalho, há pistas que aparecem na pesquisa de campo que precisam de um maior refinamento analítico, tensionamentos e aprofundamento teórico.

O presente texto se estrutura em seis partes: além desta Introdução (item 1); Sinalizações sobre o turismo em Porto Seguro – o mito do paraíso (item 2); Duas periferias em um suposto paraíso (item 3); Violência: um paraíso em desencanto (item 4); Tráfico de Drogas: a economia da morte, associada a economia do turismo (item 5); Considerações finais (item 6).

SINALIZAÇÕES SOBRE O TURISMO E SUAS INSUSTENTABILIDADES EM PORTO SEGURO

O cenário do estudo é a cidade de Porto Seguro, na Bahia, região nordeste do Brasil é considerado o berço do nascimento da sociedade brasileira e sua história começa em 1500, fetichizada como terra do descobrimento, recebe aproximadamente 900 mil turistas anualmente³. Porto Seguro localiza especificamente no extremo sul do Estado da Bahia, micro região conhecida como costa do descobrimento é constituído por cinco distritos: Porto Seguro, Arraial D’Ajuda, Caraiva, Trancoso e Vale Verde, todos eles com elevado potencial turístico e com questões associadas ao crescimento do tráfico de drogas e violência. A população de Porto Seguro, com quase 144 mil habitantes, quintuplica durante os picos do verão, período em que o município, recebe visitantes oriundos do centro sul do país e de países como Itália, Argentina, Portugal, Estados Unidos, Israel, França. A cidade possui diversos equipamentos turísticos: hotéis, flats, vilagens, restaurantes e barracas de praias que se distribuem em quase 10 km de orla, no sentido que faz a ligação de Porto Seguro a Santa Cruz de Cabrália. Nesta parte da cidade, conhecida como orla norte, há também diversos condomínios de auto padrão, onde a classe média e os ricos da cidade e região moram ou possuem casas de veraneio.

³ Cf. Atlas Brasil 2013 – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O IDMH é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. A longevidade indica oportunidade de viver uma vida longa e saudável, de ter acesso ao conhecimento e ter um padrão de vida que garanta as necessidades básicas, representadas pela saúde, educação e renda. Disponível em http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasMunicipios. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

O turismo em Porto Seguro, começa a se instituir timidamente no anos 60 e 70, período em o município começa a receber um olhar mais direcionado à esta atividade. Conforme Bianchi (2005, p. 6) em 1968, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) decidiu tomar uma parte da cidade, sendo esse ato o precursor de uma gama de ações referentes ao patrimônio de Porto Seguro, município entendido como “lugar de origem da nação brasileira”, a partir daí começou a se rabiscar a vocação turística de Porto Seguro, só após os anos 90 é que se tem um relativo investimento a prática econômica do turismo, que se iniciava de forma tímida e pouco planejada. Atualmente a atividade turística tem grande relevância no desempenho econômico de Porto Seguro, esta atividade se articula a fatores sociais, culturais e políticos. Segundo (Pinheiro;Guimarães,Costa, 2011), comparando Porto Seguro, Ilhéus e Salvador, Porto apresenta os menores valores adicionados aos setores de serviços, o que ratifica a sua dependência econômica ao turismo. Situação que pode ser explicada, pela falta de investimento econômico em outros setores até final do século XX. O seu potencial de atração turística, se associa a uma série de fatores, além da singularidade histórica ao que se refere às narrativas do “descobrimento”, há um conjunto de belezas naturais, a se expressar nas reentrâncias morfológicas cobertas pela Mata Atlântica, contornada por um conjunto de praias, corredores naturais e falésias. Associada às características históricas e naturais, Porto Seguro, enquanto produto turístico, é potencializado por sua localização geográfica e fácil interconexão viária e aérea, articulada através da BR 101, que liga o nordeste ao sudeste, e a uma zona aérea de intercessão que coloca Porto Seguro em um raio de fluxo de convergência de vôos que ligam as principais regiões do Brasil, colocando-a a menos de uma 1h30 de vôos das principais metrópoles brasileiras.

Assim se torna inegável que o potencial de atração do lugar, articulada à “profissionalização” das agências nacionais de turismo, a exemplo da CVC - maior operadora de turismo da América Latina., fizeram de Porto Seguro um dos destinos turísticos mais demandados no país, fator que vez desta atividade a principal alavanca econômica da região. O fato contraditório é que a economia do lúdico movimenta milhões de reais em Porto Seguro, mas não consegue promover plenamente o desenvolvimento e a melhoria de qualidade de vida na população local. O turismo mobiliza diversas outras atividades, como setor de transporte, hotelaria, setor de alimentos, gerando empregos e sub empregos, sobretudo nos períodos de alta temporada – verão. O lado negativo, o turismo em sua dimensão predatória, trás consigo prostituição, exploração sexual, doenças sexualmente transmissíveis, consumos excessivos de drogas lícitas e ilícitas, tráfico de drogas e um elevado índice de violência e criminalidade.

A crescente atividade turística na localidade causou impactos, tais como: devastação de florestas primárias, extinção de espécies nativas, marginalização das culturas indígenas, crescimento populacional, favelização, precariedade de infraestrutura urbana, aumento da circulação de veículos, especulação imobiliária e descaracterização da arquitetura (IPHAN, 2000). De acordo com Silva (2006, p. 16), em Porto Seguro fluxo turístico vem ocasionando impactos socioculturais. A convivência entre moradores e turistas dos mais diversos lugares, COSTUMES, hábitos, atitudes e valores tem contribuído para uma desconstrução da identidade cultural local. É importante salientar que tais impactos são recorrentes à atividade turística, sobretudo quando falta uma efetiva fiscalização e controle do poder público. Mas o fato que mais chama a atenção é que o processo de construção e re-construção de identidades, às contradições sociais geradas pelo turismo predatório tem contribuído para o aumento da violência e da criminalidade em Porto Seguro.

Ao avaliar as faces do turismo de Porto Seguro, podemos afirmar que no verão ele aquece a economia local, mobiliza outras atividades no setor de transporte, hotelaria, alimentos, gerando empregos e sub empregos que ampliam a renda da população durante alguns meses do ano. Em contrapartida, ele também apresenta uma dimensão predatória, articulada ao crescimento da prostituição, exploração sexual, contaminação juvenil através de doenças sexualmente transmissíveis, consumos excessivos de substâncias psicoativas (lícitas e ilícitas), que potencializam o tráfico de drogas e todo uma teia relacional que tentaremos esboçar nos próximos itens deste artigo.

O crescimento da criminalidade na cidade de Porto Seguro, além de elevar o índice de homicídios juvenis contribui na construção de estigmas de determinadas áreas e reproduz um sentimento de medo e insegurança em toda a cidade, sobretudo, nos bairros da periferia, nos quais a população é mais vulnerabilizada pela desigualdade social. O turismo predatório e o tráfico de drogas não são os únicos fatores para o crescimento do índice da criminalidade, mas apresenta elevado peso, pois é uma atividade econômica que movimenta fluxos de capital que dinamiza toda uma cadeia de produção que incorpora a economia do tráfico de drogas como integrante da economia do entretenimento gerado pela atividade turística.

Em síntese, Porto Seguro apresenta algumas singularidades que a transforma em um objeto de estudo complexo e atraente : turismo e economia flutuante; crescimento expressivo da população no verão e com ela o consumo de drogas ilícitas que movimenta toda uma disputa no mercado do tráfico varejista; número expressivo de povos indígenas em situação de conflitos com proprietários de terras; presença de estrangeiros ilegais, sobretudo italianos; expansão das periferias associada ao advento da vassoura de bruxa e a falência da economia do cacau em Ilhéus e Itabuna. Tais características possibilita vários caminhos para à compreensão das lógicas econômicas do território e suas interfaces com o tráfico de drogas, obviamente não teremos fôlego neste momento para destrinchá-las, mas ficará sinalizado um complexo diagrama de questões que dialogam com a expansão do tráfico de drogas em Porto Seguro.

Duas periferias de um suposto paraíso

Os bairros do Campinho e do Baianão, ambos integrantes das margens urbanas de Porto Seguro, estabelecem uma configuração social similar às das relações conflitivas na análise de “Os estabelecidos e os *outsiders*” (2000) de Norbert Elias, ao que se refere às dimensões de discriminação, exclusão social e violência, enquanto a cidade Inglesa de Winston Parva, passava por um processo de industrialização, Porto Seguro é marcada pelo desenvolvimento de atividades turísticas atrativas, ambas apresentam fluxos migratórios motivados por dinâmicas econômicas que classificam e hierarquizam zonas e territórios urbanos. Em sua análise social Norbert Elias (2000), utilizou como recurso metodológico a divisão de Winston Parva em três zonas distintas: na zona 1, habitavam as pessoas mais privilegiadas economicamente, e a zona 2 e 3, residiam os operários. Apesar da aparente semelhança entre as duas últimas áreas da cidade, havia profundas disparidades entre seus grupos, uma vez que os habitantes da zona 2, território mais antigo de Winston Parva, consideravam-se superiores aos demais pelo simples fato de habitarem o local há mais tempo.

Contexto social similar ao de Winston Parva, acontece em Porto Seguro, quando analisamos a sua conformação urbana e percebemos três áreas distintas que apresentam interligações: área da Orla, território de elevado fluxo turístico caracterizado por um conjunto de equipamentos e pela presença de inúmeros condomínios fechados, habitados por classe médias e altas,

polarizada pela economia do turismo e do entretenimento; o bairro do Campinho, localiza-se na parte baixa da cidade nas limiaridades do centro, apresenta-se como uma periferia consolidada, tem origem associada a uma vila de pescadores e atualmente é habitado por trabalhadores; a terceira área é a do bairro do Baianão, tem expansão recente em relação às outras duas áreas, originado de uma ocupação irregular de terras, com características de área favelizada e circundada por diversos conjuntos habitacionais populares, que formam o Complexo Baianão, território que mais se expande na cidade.

Tanto o Campinho como o Baianão, estabelecem relações de interdependência econômica com a área da orla. Diferem-se pelos diferentes tempos em que foram constituídos, enquanto o Campinho (grupos sociais estabelecidos) apresenta um processo de expansão iniciado entre os anos 70 e 80, com a presença de população nativa, o Baianão (grupos sociais outsiders) nasce no final dos anos 90, através de doações ilegais de terrenos feito por políticos e por processos de invasão induzida. Ao passo que o bairro de Campinho possui uma relação de proximidade geográfica com o centro, o bairro do Baianão tem uma relação de relativa mobilidade com a área da orla.

O bairro do Campinho, se localiza na parte baixa da cidade de Porto Seguro, o seu cenário não foge às principais regras de caracterização de áreas periféricas da cidade brasileira: elevada densidade demográfica, problemas na infraestrutura urbana, habitação, saneamento básico, transporte, circulação viária, saúde, educação, segurança pública, e dificuldade de sua população no acesso ao mercado de trabalho. Apresenta um comércio popular diversificado, formado por pequenos bares e “botecos”, que concorrem em número com as igrejas evangélicas, mas há também mercearias, quitandas, farmácias etc. A população é heterogênea e se insere no mercado de trabalho exercendo funções variadas: pescadores, operários da construção civil; ambulantes; trabalhadores na área turística, biscateiros, empregadas domésticas entre outras ocupações. Apesar de apresentar ruas estreitas e mal sinalizadas, devido à proximidade, o bairro do Campinho apresenta boa acessibilidade ao centro de Porto Seguro. O bairro é percebido pelos moradores do centro e da orla, como uma área violenta e de intenso tráfico de drogas. O Campinho atualmente é controlado por um grupo de traficantes que utilizam a grife C.P – Comando da Paz, que se auto afirma como a primeira facção a dominar o tráfico de drogas na cidade. As formas de controle e afirmação de territórios são marcadas, por pequenas práticas de assistencialismo (pagamento de remédios, botijão de gás, segurança em determinadas ruas); punições, ameaças, extorsões e execuções para os que descumprem os acordos. Como manifesta Michel Misse (2006). As lógicas de ameaça e extorsão, constituem dimensões que organizam o mercado de distribuição de drogas e funcionamento nos espaços urbanos (Misse, 2006).

A afirmação e presença do C.P, no território do Campinho também é realizada através da expressão de seus signos em pichações de muros e postes, que indicam a presença, pertencimento e domínio da facção criminosa no bairro, através de um conjunto de frases de comando e códigos de acesso a determinadas áreas do território. Os aspectos históricos dada a tradição de vila de pescadores, podem ser considerado como um fator importante na coesão de alguns grupos e associações comunitárias, assim como no desenvolvimento de tipos de sociabilidades, formas de vinculação, pertencimento e produção de contra-estigmas.

O bairro do Baianão, ou Complexo Baianão, rival número 1 do bairro do Campinho, localiza-se na parte alta da cidade de Porto Seguro, é considerado o bairro de maior densidade demográfica da cidade, composto pelo Mercado do Povo, área central, e por mais sub-áreas,

formada por conjuntos habitacionais que integram o Complexo Baianão: Paraguai, Vila Valdete 1,2,3, Vila Parracho, Porto Alegre 1 e 2, Ubaldinão (Vila Jardim), Parque ecológico 1, 2,3, e Vila Vitória. A área começou a ser ocupado na segunda metade dos anos 90, sua origem é iniciada através de um conjunto de casas construídas pelo poder público para abrigar polícias militares que vinham prestar segurança ao município, como estes policias não ocuparam eficazmente a área tendo como justificativa a falta de infraestrutura do lugar, sua ocupação foi feita por grupos populares, sendo implementada por imigrantes oriundos de municípios vizinhos. A expansão do bairro associa-se a “doação” de terrenos adjacentes feito por um político da época, estimulando a ocupação por população migrante, sobretudo de Itabuna, Ilhéus e Canavieiras vitimizados pela falência da economia do cacau no sul da Bahia, acompanhada pela disseminação da vassoura de bruxa em diversos municípios da região, o que estimulou o movimento demográfico para Porto Seguro, que era percebida pelos, como um “novo eldorado” que se instituiria através da economia do turismo, propagandeada em virtude dos investimentos das comemorações dos 500 anos do Brasil.

A ocupação irregular, ilegal e informal do Baianão, constituiu uma paisagem urbana favelizada e geograficamente desarticulada com o centro da cidade. O bairro se desenvolveu as margens da BR-367, que articula Porto Seguro a Eunápolis-BR 101, facilitando fácil saída da cidade. O Baianão, também apresenta uma fácil articulação viária com a área da orla, onde se localiza os principais investimentos turísticos da cidade, que nos períodos de alta estação, absorve a mão de obra operária do bairro, que ocupam diversas vagas de trabalho: recepcionistas de hotéis, segurança de eventos, garçons, cozinheiros, empregados domésticos, além disto a economia do turismo dinamiza toda uma cadeia de vendedores ambulantes.

Devido à expansão recente, o processo de periferização do Baianão é mais expressivo e precário do que a do bairro do Campinho, a falta de infraestrutura se manifesta através de um conjunto de ruas com calçamentos danificados e que carecem de saneamento básico e iluminação, assim como investimentos em equipamentos públicos diversos. O comércio local popular é diversificado e conhecido pela possibilidade de se encontrar produtos com preços mais baratos, assim como eletrodomésticos e eletroeletrônicos de segunda mão por baixos preços e origem duvidosa, como exemplo da feira do celular, na qual você encontro aparelhos semi novos, com valores até quatro vezes menores do que o preço de mercado, comercializados sem nota fiscal, ou qualquer tipo de garantia. Como marca presente nas periferias, o bairro apresenta um grande número de bares e igrejas evangélicas. Como é considerado pela polícia, e percebido pelos moradores das outras áreas, o bairro mais violento da cidade, em 2013, foi instalada a Base Comunitária de Segurança de Porto Seguro, com modelo de atuação similar ao da capital Salvador, que possui estrutura e funcionamento inspirado nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) do Rio de Janeiro.

Talvez, o fato de ser um bairro habitado por um contingente de pessoas que vieram de outras cidades com o objetivo de conseguir trabalho dada a potencialidade turística da região, às relações de coesão social e identidade ainda se constituem através de vinculações fragilizadas e por uma constante rotatividade populacional (outsiders). O bairro é bastante estigmatizado pelo resto dos moradores de Porto Seguro, sobretudo pelos moradores nativos do bairro do Campinho (estabelecidos). É considerado o bairro em que se originou o M.P.A – Mercado do Povo Atitude, facção que atua no sul e extremo sul da Bahia, e segundo depoimento de membro da facção e de policias, possui vinculação com o P.C.C – Primeiro Comando Capital, que além de emprestar os princípios ideológicos de funcionamento, operacionaliza a distribuição de armas de fogo e de drogas atacado para a comercialização.

Como o M.P.A é a facção que domina o Baianão e grande parte do tráfico de drogas na parte alta da cidade, há um permanente conflito entre este bairro e o Campinho, dominado pelo C.P – Comando da Paz. O fogo cruzado estabelecido entre estas duas facções atingem as formas de sociabilidade de ambos bairros, e espalham o medo e o temor por toda a cidade. Ao mesmo tempo que o M.P.A e o C.P, buscam afirmar e garantir seus respectivos territórios de identidade, disputam o domínio das “bocas de fumos” da área da orla, local onde há maior circulação de dinheiro, devido à concentração da economia do turismo, que acaba por incorporar dimensões da economia da morte. Tal situação, também tem se acirrado, devido ao fato do C.P., manter em seus domínios, a área da Vila Vitória, que se localiza no Complexo Baianão, e acaba por minar a hegemonia do M.P.A, na parte alta da cidade. Como revela (Grillo, p.130,2008) “as disputas dos territórios, fazem parte da própria organização do negócio, na qual os diferentes cargos se distribuem entre os integrantes da facção distinguindo-se as funções e hierarquias, elementos fundamentais para a manutenção do poder”.

O bairro do Campinho e do Baianão, como dois territórios da periferia de Porto Seguro, em suas similaridades e diferenças, são cenários onde se expressam um mesmo conflito, que é o tráfico de drogas, protagonizado por duas facções criminosas C.P e M.P.A, que ativam as lógicas de agenciamentos, exercícios de coerção, jogos de poder e disputas, muitas vezes arbitradas pela polícia, incorporando indivíduos de vida comum, trabalhadores de práticas tidas como honestas. “Os indivíduos e suas famílias transitam nessas tênues fronteiras, sabem lidar com os códigos de ambos os lados, sabem jogar com as diversas identidades que remetem a esses universos sobrepostos e embaralhados na vida social”, (Telles,p.108, 2010)

Apresentado o palco – Campinho e Baianão – que são os dois territórios caracterizados neste item do trabalho, partiremos para compreender as dinâmicas e as teias relacionais que se estabelecem na operacionalização dos canais ativados pelo tráfico varejista de drogas em Porto Seguro.

Violência: um paraíso em desencanto

Entre os 417 municípios do estado da Bahia, Porto Seguro, (Quadro 1) se encontra na 10ª. posição nacional e na 5ª. posição estadual com maior taxa de homicídios juvenis. Tais índices, além de contribuir na construção de estigmas, reproduzem um sentimento de medo e insegurança, sobretudo, nos bairros mais populares, nos quais a população mais vulnerabilizada pela desigualdade social habita. O turismo predatório não é o único fator para tal índice, mas apresenta elevado peso, tendo em vista que a sua vinculação com o tráfico de drogas acaba estimulando uma maior disputa entre os traficantes.

Quadro 1- Ranqueamento do número de homicídios na Bahia.

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO (IBGE - 2012)	NÚMERO DE HOMICÍDIOS/ 100 mil/hab (2012)	POSIÇÃO NACIONAL NO RANKING DE HOMICÍDIOS	POSIÇÃO ESTADUAL NO RANKING DE HOMICÍDIOS
Porto Seguro	131.642	115,5	10ª posição	5ª posição
Itabuna	205.885	109,3	12ª posição	6ª posição
Eunapólis	102.628	99,0	19ª posição	8ª posição
Ilhéus	187.315	90,2	33ª posição	9ª posição
Teixeira de Freitas	143.001	86,2	42ª posição	11ª posição
FONTES:	SIM – Subsistema de Informações sobre Mortalidade SVS – Secretaria de Vigilância a Saúde MS – Ministério de Saúde Mapa da Violência – 2014			

Para além do elevado índice de homicídios apresentado pelos municípios do sul da Bahia, a exemplo de Porto Seguro, Itabuna, Eunapólis, Ilhéus, Teixeira de Freitas, chama a atenção o fato da população negra e afrodescendente ser a mais vitimizada pela criminalidade.

Quadro 2- Número de homicídio por corte étnico racial.

MUNICÍPIOS	NÚMERO DE HOMICÍDIOS						TAXAS POR 100 MIL (2012)		
	Branco			Negros			Branco	Negro	Vitimização
	2010	2011	2012	2010	2011	2012			
Porto Seguro	10	12	19	149	123	132	63,1	138,7	120
Itabuna	6	2	5	203	187	220	11,0	139,4	1171
Eunapólis	5	5	16	88	57	86	58,3	117,2	101
Ilhéus	0	2	5	121	150	164	14,0	112,6	703
Teixeira de Freitas	4	14	19	117	117	103	47,3	102,8	118
FONTE:	SIM – Subsistema de Informações sobre Mortalidade SVS – Secretaria de Vigilância a Saúde MS – Ministério de Saúde Mapa da Violência – 2014								

As estatísticas apresentadas (Quadro 2) apontam o acúmulo social da violência e uma maior agressividade sobre a população negra. O fato é que evidências explicativas sobre a vitimização dos negros e afrodescendentes, que se valem apenas da variável demográfica, não conseguem analisar em profundidade o grau de vulnerabilidade e espoliação que negros e afrodescendentes vivenciam em seu cotidiano e que os coloca como alvo direto da criminalidade.

Como categorias complexas que indicam fenômenos manifestos na sociedade brasileira, a “violência” e o “crime” não podem ser analisados por campos de saber isolados ou por uma única matriz conceitual, nem compreendidos em definições estanques. Os fatores promotores da violência e da criminalidade são diversos entre estes os conflitos oriundos do tráfico de drogas. Segundo Theophilos Rifiotis (2006), a violência ocupa um lugar central na luta pela posse do presente, pela compreensão da experiência contemporânea, com seus mundos marginais, e sua dimensão episódica e fragmentária, um tempo marcado pela falta de finalidade nas formações institucionais e pela (in)diferença nas condições de acesso aos direitos sociais.

Para ser compreendida, é necessário perceber a violência através de ações difusas, como sugere José Vicente Tavares dos Santos (2009), que propõe o esboço do que ele chama de “teoria da conflitualidade”, um paradigma explicativo que busca compreender as práticas sociais consideradas violentas próprias da sociedade contemporânea – violência política, violência costumeira, violência de gênero, e um conjunto de outras violências e crimes que, para este autor, revelam dilemas da sedimentação de controle social, informal e formal.

O fator desencadeante seria a violência difusa na sociedade contemporânea que apresenta como um de seus efeitos a corrosão dos direitos humanos. Neste sentido, os direitos humanos se instituem como uma necessidade pautada em um conjunto de direitos básicos: civis, políticos e sociais; direitos que são integrados visando à dignidade da condição humana (Arendt, 2010) e a qualidade de vida na sociedade. O fato é que estes direitos são negligenciados por um conjunto de situações de violência e criminalidade acumuladas socialmente, como bem expressam as estatísticas apresentadas (Quadro 1 e 2), em relação às taxas de homicídios dos municípios de Porto Seguro, Eunápolis, Ilhéus, Itabuna e Teixeira de Freitas.

Segundo entrevistas realizadas com investigadores da Polícia Civil e da Polícia Federal em Porto Seguro, a violência e a criminalidade expressiva no município, se associa com o tráfico de drogas e por um conjunto de conflitos pela manutenção de “bocas de fumos”. Os períodos de alta temporada turística coincidem com o período no qual se há mais incidência de homicídios, tal relação possibilita o argumento de que o turismo predatório ao potencializar o tráfico de drogas, amplia os índices de criminalidade juvenil no município. Construindo assim o outro lado do paraíso, sem visibilidade na mídia nacional e internacional, expresso através de consumo delirante e tráfico de drogas ilícitas o que repercute na ampliação dos índices de criminalidade, e alocação de Porto Seguro entre as dez cidades mais violentas do país, situação de vulnerabilidade social e medo que não é divulgado pelos veículos de comunicação e tem deixado consequências perversas no dia a dia dos habitantes, pois as rixas acentuadas na alta estação permanecem durante os períodos do ano promovendo mais violência e criminalidade.

TRÁFICO DE DROGAS: A ECONOMIA DA MORTE, ASSOCIADA A ECONOMIA DO TURISMO

A professora, a polícia, o ex-político, o repórter policial, o traficante, o conselheiro externo, o vendedor de água de coco, a baiana de acarajé, falas e atores sociais. O bairro, a escola, a igreja, a barrada de praia, e a montagem de um “feixe” dinâmico e inconcluso de relações articuladas ao tráfico a varejo de drogas em Porto Seguro-BA.

Em meados de 2014 começamos a visitar um conjunto de escolas públicas na cidade de Porto Seguro-BA, o trabalho foi iniciado em escolas do bairro do Baianão, localizado no maior complexo periférico da cidade, ao chegarmos e nos apresentarmos nas instituições, um ou dois representantes da secretaria nos recebia e apresentava a escola, manifestava questões relativas ao cotidiano escolar, às relações de convivência e métodos utilizados para o gerenciamento de conflitos. Os relatos não apresentavam novidades, não se diferenciando do contexto encontrado em escolas públicas das periferias brasileiras, sobretudo as do Estado da Bahia: depredação da estrutura física, indisciplina, incivilidades, evasão de alunos, descontentamento de professores, entre outras questões pedagógicas. Nestes espaços escolares, nos chamou atenção a repetição de códigos pichados em paredes externas e internas, pátios, salas de aulas e banheiros. Palavras, siglas e frases de ordem, que expressavam um desejo de auto-afirmação: “É nós”; “Atitude parceiro”; “Bota cara campinho”; “Luto e luta”; “M.P.A”; “M.P.A no comando”, questionamos o que significava “M.P.A” e porque tal sigla era tão presente nas escolas. Começando assim, o início de uma narrativa que envolve tráfico de drogas, afirmação de territórios, disputas de “bocas de fumo”, disseminação do medo e cooperação de supostos inocentes, que se aproximam e participam de um dinâmica que se articula com as lógicas econômicas e a necessidade de ampliar suas receitas financeiras para a manutenção da vida.

A disseminação do medo pode ser compreendido pela ampliação da “sociabilidade violenta”, que para Machado da Silva (2004) e Misse (2006), se insere nos diversos espaços da vida cotidiana através de práticas agressivas e hostis que anunciam novas formas de sociabilidades, marcadas pela insegurança e pelas incertezas, proclamando uma “cultura do medo”, compreendida como consequência de um regime de práticas sociais circunscritas pela sociedade de “massas” ou por um regime de impunidades (Dahrendorf,1987). A produção do medo pelo tráfico de drogas em Porto Seguro, não é o ponto principal deste estudo, mas é relevante por ser um mecanismo utilizado pelas facções em seus conflitos. Como bem explicita a fala de Sr. Dário, baiano de Feira de Santana, que morou 7 anos no bairro de Campo Limpo, periferia de São Paulo, e que há 10 anos comercializa “capeta” (drink tropical característico de Porto Seguro) em um barraca na passarela do álcool - ponto turístico da cidade: “o corpo de um menor morto e cortado numa rua de favela em São Paulo, tem um peso, aqui tem outro; um ônibus queimado no Rio de Janeiro tem um peso, aqui tem outro; estamos começando a lidar com isto, começando a nos acostumar, mas assusta!”. A produção do sentimento do medo e do temor, quando fartamente inserido no cotidiano das cidades, contribui em sua banalização, contexto que vem se delineando nas relações sociais em Porto Seguro.

Mesmo com relativo medo, pois ainda há receio de se tratar deste assunto nos espaços escolares, a professora Isabel, funcionária há quase 10 anos em uma das maiores escolas da cidade, que se localiza próximo a uma via de fronteira entre bairros, revelou: “- Aqui é difícil para os alunos do Campinho estudarem ! A maior parte dos alunos é do Baianão, ou dos conjuntos habitacionais que estão sobre o domínio do M.P.A (...) às vezes aqui chega alunos armados, para evitar um mal maior, aconselhamos os alunos de lá, a não se matricularem aqui. (...) Não costumamos chamar a polícia, pois não resolve nada, uma certa vez teve uma conflito

aqui na escola, a polícia chegou, uma colega professora teve que esconder da polícia o revólver do aluno”. O depoimento da professora Isabel, revela medo convivência e banalização, pode ser também compreendido como uma denúncia reveladora de uma realidade recorrente em diversas escolas localizadas em periferias controladas pelo tráfico, oferecem pistas de como as dinâmicas do tráfico de drogas se integra no cotidiano de algumas instituições sociais. Tal contexto, desperta nosso interesse analítico, sobretudo, por se tratar de um reprodução de mecanismos de controle exercido pelo crime e utilizados em realidades urbanas mais complexas, e que nos últimos anos se difundiu de forma radical em Porto Seguro, que enquanto mercadoria turística ainda é vendida como paraíso, lugar de tranquilidade, praia, sol e água de coco.

A revelação da professora, nos mobilizou a tentar compreender como se operacionaliza as lógicas do M.P.A – Mercado do Povo Atitude, no exercício de controle e afirmação de sua identidade territorial, assim como a “luta e o luto” -frase espalhada pelos muros e praças do Baianão - que pode ser compreendida como a “luta” pela afirmação de seu poder e domínio e o “luto” como um rito de reconhecimento de parceiros que morreram em nome da facção. Partindo da escola, se tornou indispensável conhecer o bairro e elementos do seu cotidiano, histórico, principais problemas e conflitos. Nos primeiros passos da pesquisa, as observações demonstravam, que a compreensão do M.P.A, e do bairro Baianão, só ganharia nitidez se fosse feita em simultaneidade e de forma comparativa com a compreensão da facção rival, que opera no bairro do Campinho, conhecida como C.P – Comando da Paz. Tentando superar o binarismo, já bastante difundido na cidade entre: M.P.A (Baianão) x C.P (Campinho), nosso interesse se ampliava em analisar às possíveis interfaces, contraposições, capilaridades, jogos de poder e campos de disputas, que arregimenta as operacionalizações do funcionamento do tráfico a varejo de drogas em Porto Seguro.

Como o despertar para a problemática aconteceu inicialmente em um espaço escolar, que se localiza no bairro do Baianão, a contraposição com uma visita em outra escola, no bairro do campinho, se mostrou necessária, afirmando características de igual controle institucional, assim como presenças de pichações do tipo: “C.P é justiça e vida”; “Memória ao parceiro Daniel”; “C.P manda”; “C.P vida loka”; “Ta brabo”; “C.P na veia”. As justificativas para as pichações, mesmo estando em um outro território escolar, eram iguais às narradas pela professora Isabel do bairro do Baianão. O fato é que há uma clara rivalização entre estes dois contextos territoriais, e as expressões da observação cada vez mais se confirma nas demarcações sociais simbólicas, nas falas dos moradores dos respectivos bairros, nas marcas de roupas utilizadas pelos adolescentes e jovens entre outros signos, a exemplo da forma de executar um “bixo” ou um “comédia” e esquarterar seu corpo, como símbolo de uma punição, sacrifício, ou vingança.

Após observações superficiais e comparações entre as duas escolas, uma localizada no bairro do Baianão e outra no Campinho, resolvemos fazer uma visita na Delegacia da Polícia Federal e no Batalhão da Polícia Militar de Porto Seguro, na tentativa de sondar e coletar outras pistas, que de alguma forma contribuísse na diagramação das informações oriundas dos diálogos nas escolas e das observações de campo. Assim como, avaliar as possíveis justificativas oficiais para compreender os motivos que fazem Porto Seguro aparecer na 10ª. posição nacional e na 5ª. posição estadual em taxas de homicídios juvenis, conforme dados do Mapa da Violência (2014).

O quadro montado pelo delegado da polícia federal, em síntese confirmou o óbvio, um confronto permanente entre duas facções criminosas, o M.P.A, no Baianão e o C.P, no bairro

do Campinho, que deflagram um permanente fogo cruzado, na disputa por pontos de comercialização de droga na orla de Porto Seguro, lugar que economicamente ferve na alta estação e nos feriados prolongados, devido aos inúmeros equipamentos turísticos montados nesta área (hotéis e complexo de barracas de praia) e realização de grandes festas. Neste conflito, a formação e participação de “olheiros”, “vapor”, “aviõezinhos”, “mulas” e “parceiros” é indispensável pela disputa do território. O delegado acrescenta que “os traficantes formam um exército de adolescentes que encontram no tráfico de drogas formas de conseguir dinheiro”, reproduzindo assim as lógicas próprias do tráfico, ao que se refere a utilização cada vez maior de adolescentes menores de idades, que são imunes ao poder de polícia, protegidos pela lei, fáceis de serem manipulados e quando necessários descartados.

O segundo passo foi conversar com o comandante do 8ª Batalhão de Polícia de Porto Seguro, que defendeu que os homicídios cresceram em Porto Seguro devido a uma ampliação das redes do tráfico de drogas no próprio extremo sul da Bahia, “a cidade é reflexo da sua região”, como era de se esperar, o representante da polícia, defendeu a ação da corporação e esclareceu que a polícia só mata nas situações de “resistência à prisão” e “troca de tiros”. No diálogo travado, afirmou que a orla é um território de afluxo de tráfico de drogas, sobretudo nas áreas próximas das grandes barracas de praia, frisando o “beco da Axé Moi”, mencionou também que as operações de controle, através de “blitz” e fiscalização preventiva na orla, potencializou-se com a instalação da Base de Segurança da Polícia Militar, instalada em 2013 no bairro do Baianão, mencionando as estratégias desenvolvidas no combate ao tráfico e a violência na área. Em relação aos índices de homicídios, a fala foi única: “a matança é promovida pelo tráfico, nossa missão é exterminar o tráfico”. O discurso do Estado expresso pela polícia quando não conveniente é de defensiva, mesmo assim, tais depoimentos podem fornecer elementos importantes no confronto da realidade social.

O contato com a escola, o diálogo com representantes da segurança pública, revelaram-se insuficiente na indicação de pistas para à compreensão da dinâmica do tráfico a varejo de drogas em Porto Seguro, o que nos conduziu a voltar a perambular pelos dois bairros em questão. Sentado numa mesa de restaurante popular no Baianão, pedi um PF (prato feito), e comecei a ouvir um programa de rádio local, destes que têm grande audiência e se pauta na sensacionalização de casos de homicídios trágicos, no estilo “espirra sangue”, com ampla participação de ouvintes na escuta, através de ligação telefônica. A maior parte das informações do programa de rádio são extraídas de três sites da região, um deles da cidade, que asseguram o número de seus acessos através de matérias e fotografias, sobre violência e crimes. Perguntei ao garçom do restaurante, onde se localizava a rádio, além de me informar ele disse “esta rádio é do ex-prefeito da cidade, foi o pai dele que deu o Baianão para agente”.

Depois de três dias, sendo um ouvinte fiel do programa do meio dia, decidi visitar a rádio, me apresentei como professor universitário, e logo percebi que professor de universidade pública tem relativo “capital social” em alguns espaços, sobretudo em cidades do interior. O dono da rádio e ex-prefeito da cidade, “como um tradicional político carismático” me recebeu com entusiasmo e simpatia, ofereceu café, utilizei como propósito para a visita a divulgação de um evento realizado pelo departamento de humanidades e que seria aberto ao público externo. Conversamos por quase uma hora, tomamos café, falou de sua vida, disse-me que é advogado e pecuarista, que quando eleito em 2000, havia sido o prefeito mais jovem do Estado da Bahia, e que nas últimas eleições elegeu seu sobrinho como Deputado Federal, que é o mais jovem do Brasil. Mencionou todas as obras que havia realizado em Porto Seguro, acrescentando que seu pai havia sido o doador dos lotes de terra que deram origem ao bairro do Baianão. E que atualmente estava impossibilitado de concorrer a cargos eletivos devido a judicialização da

política e a uma armação feita pelos candidatos da oposição. Afirmou que estava feliz com a chegada da universidade federal em Porto Seguro, apresentou-me seu filho que é estudante da Universidade, e estabeleceu uma relação de boas-vindas e simpatia. Em seguida eu disse que estava tentando realizar uma pesquisa sobre violência em Porto Seguro, após esta declaração ele disse: “meu jovem me preocupo muito com a situação atual do município, mas como sou envolvido com a política, participo pouco deste debate, na verdade professor, há dois grupos aqui que não me interessam cutucar, os “evangélicos” e os “traficantes”, os evangélicos correspondem a 30% do eleitorado de Porto Seguro, e os traficantes se quiserem podem me impedir de trabalhar (rs!)”.

Dada a abertura e receptividade do ex-prefeito, questionei sobre o conteúdo do programa de meio dia, a ele respondeu: “pois é, eu não trato do assunto, mais tenho uma pessoa que lhe ajudará, ele trabalha comigo aqui na rádio há alguns anos, é repórter de respeito e morador do Baianão, vou autorizá-lo a lhe ajudar, ele pode até lhe indicar conversa com alguns camaradas dele”. Fui apresentado ao repórter e marcamos um encontro para a semana seguinte.

O diálogo com o repórter foi importante, não levamos em consideração a sua performance no programa de rádio, mas as pistas dadas em relação as dinâmicas do tráfico, assim como o contato de integrantes de facções, talvez contribuisse na montagem de um diagrama analítico. Em síntese, na conversa de duração de quase quatro horas, o repórter apresentou a recente história do tráfico de drogas em Porto Seguro, revelou a biografia dos principais traficantes locais, como foram introduzidos no ramo; como se estabelecem os conflitos entre o M.P.A e o C.P, o funcionamento e a relação das facções com às comunidades dos respectivos bairros. A matança de adolescentes e jovens, ação da polícia e a participação externa e indireta de empresários do ramo turísticos e políticos. Sobre a participação do que chamo de “conselho externo”, o repórter hesitou a falar não permitiu desdobramentos, o tom de sua voz diminuía quando falava destes atores, finalizando tal tópico de assunto, mantendo a voz baixa disse: “eles são chamados a participar quando o conflito das duas facções entre si e da polícia, demora para terminar e morre muita gente”. A conversa foi chegando ao fim, quando o repórter me perguntou se eu queria ouvir alguns áudios de conversas “in off”, estabelecidas via whatsapp entre os traficantes. Questionei, como ele teve acesso, em tom de brincadeira ele disse: “grampo telefônico professor, rs!rs!rs!, brincadeira quem grampeia é a polícia, o que tenho foi um brother que me passou, pois ele está na mesma rede do Whatsap da galera”.

No dia seguinte, entrei em contato com um membro intermediário do M.P.A, conforme contado dado pelo repórter, que aceitou uma conversa, desde quando não fosse gravada e não fosse citado seu nome, marcamos em uma pequena sorveteria em uma das ruas do Baianão, ele pediu para que eu explicasse o que eu estava realizando e o que queria saber, tinha coisas que ele iria dizer e outras não. No diálogo travado, questões sobre o funcionamento da facção a relação com o bairro e com outros atores sociais apareceram:

(...) O bonde fecha, fechando! (Risos), mas é uma família complicada, muito grande moço. Os ‘pivete’ de 12 a 13 anos pedem para entrar para a família grupo, mas não é assim... querer não é entrar, ele precisa ser provado. Precisa fazer muito “corre”, muito mandado, provar confiança, fazendo corre, corre pelo certo e entregando os que consegui”. Se o mano provar confiança a facção entra, se dar um bonde e some com ele (TB- 2015).

(...) O comércio é unido e nos apoia e tem nosso apoio, pede para fechar eles fecham e ninguém mexe. A menina (polícia) manda abrir agente, manda

fechar. As vezes quando mata um ‘comedia’, que está no caminho da resposta, agente faz o luto em memória do parceiro”. (TB- 2015)

(...) O bagulho é doido, fica cabuloso, se a menina (polícia) se embola com algum parceiro da comunidade, agente manda um recado para “Mato” e ele passa a visão. Tipo agir como um laranja, não rola nada! Se roer a corda a parceria termina, já aconteceu dele sair de madrugada para separar trapaça. (TB - 2015)

(...) Se ligue! Político para pedi voto aqui, tem que pedi permissão e pagar pedágio, caso contrário nem papel aqui eles aprega, nem carro de som entra na comunidade. (TB- 2015)

As falas do traficante, expressavam um discurso de espetacularização do crime e da relação fetichizada de domínio que possuem em relação ao bairro e a população, realizei poucas perguntas ele parecia mais ansioso que eu, falava rápido e com um uso recorrente de uma linguagem própria, o que me fazia questionar determinados termos de sua linguagem. Por exemplo “o corre”, que é uma ação monitorada de assaltos e roubos que são realizados por aqueles que se encontram na posição de iniciantes na facção, conhecidos também como “vapor” e ou “aviõezinhos”. Aqueles que conseguissem maior êxito nos dividendos com “os corres”, vão ampliando seu status no grupo e avançando na hierarquia, os que tentarem enganar a parceria, mentindo e usando de má fé, quando descoberto são punidos, por tribunais instituídos pelos integrantes superiores na hierarquia.

Conseguimos também estabelecer, contato e diálogo com um membro da C.P – Comando da Paz, o encontro se realizou em uma praça no Campinho, mantive o mesmo comportamento do diálogo anterior. Mais sereno e compenetrado, a conversa com o membro do C.P, demonstrou algumas diferenças em relação ao M.P.A, o que nos possibilitou realizar um pequeno quadro comparativo entre o perfil de ambas facções. Destacou-se no discurso do representante do C.P, a afirmação de que a facção funcionava de forma menos hierárquica, assim como a referência de uma rede que contribuía na operacionalização do movimento de distribuição da droga a varejo.

(...) Não existe este negócio de chefe, todos são iguais no tráfico. Aqui na comunidade todos nos conhecem, nascemos aqui mano (Campinho), os de lá tem raiva (Baianão), temos um domínio na área deles, e eles nunca vão tomar. Nós é ideologia, em nosso domínio homem não bate em mulher, ninguém morre por falta de remédio, ou deixa de cozinhar por falta de gás”. (TC-2015)

(...) Um parceiro daqui pegava uma mulher do Baianão, ele era novato, um fraco, mas gente boa. Eu falava com ele, parceiro sai desta mulher, mulher do Baianão não presta, mas ele instituía e falava de mais. Não deu outra, deu morte, mas não ficou de boa, quem matou morreu. (TC-2015)

(...) Temos os parceiros certos, que faz a movimentação, entregam nos hotéis e nas barracas, a polícia sabe, todo mundo sabe, todo mundo ganha, alguns turista gosta (risos!), ambulante, vendedor de ingresso, baiana de acarajé, vendedor de água de coco. (TC-2015)

Em relação a terceira fala, que menciona uma suposta rede de movimentação e parcerias, questionei como se dava tal contato, sua explicação expressava que, o M.P.A, dominava pontos

estratégicos da área da orla, sobretudo as que se articulam com as barracas de maior movimento, além disto a área possui a presença de muitos policiais, a estratégia encontrada seria driblar tais obstáculos mobilizando parcerias estratégicas. A fala do integrante da facção do bairro do Campinho, apresentou pistas decisivas para a montagem do diagrama da dinâmica do tráfico varejista de drogas, na perspectiva apontada por Vera da Silva Telles (2010), no que chama de “feixes” variados de conexões e “teias” de ilegalismos, sob o qual retornaremos adiante.

Através dos diálogos realizado com os integrantes do tráfico de drogas do M.P.A e do C.P, foi possível, montaremos um quadro síntese comparativo, com as principais características de ambas facções, apresentado nos quadros a seguir:

Quadro 3. Caracterização da Facção M.P.A.

Nome:	Mercado do Povo Atitude (M.P.A)
Área:	Baianão
Saudação:	Eaê
Marca usal:	Ciclone (bonés, camisas e bermudas)
Símbolo:	Caveira e Cruz
Parceria:	PCC/ São Paulo
Numeração:	1533 (M.P.A)
Estratégia de Atenção:	Queima de ônibus; bloqueio de vias; Toque de recolher; Celebração do luto.
Perfil:	Grupo mais coeso; hierárquico; chamam a atenção da sociedade como forma de demonstrar poder.

Quadro 4. Caracterização da Facção C.P.

Nome:	Comando da Paz (CP)
Área:	Campinho
Saudação:	Eaê
Marca usal:	Nike (bonés, camisas e bermudas)
Símbolo:	Escorpião
Parceria:	CP/Salvador
Numeração:	315 CP
Estratégia de Atenção:	Esquartejamento de corpos.
Perfil:	Grupo mais pulverizado em relação a liderança; radicalizam no rito da execução; discretos.
OBS:	Primeiros a atuar em Porto Seguro consideravam-se os donos do tráfico, não havia rivais.

Passando-se aproximadamente seis semanas em relação ao último encontro, fiz contato com o repórter do programa policial, retornando à rádio para continuar a conversa e escutar os áudios conforme combinado anteriormente. Além de uma série de músicas no estilo “rap” e “funk”, criadas por adolescentes ligados a facção, descrevendo seus estilos de vida na favela, algumas falas nos áudios ganharam destaque, a exemplo:

(...) Inocente não vira presunto, não se mata gente da gente! Não se mata turista da orla. Aqui no baianão só morre quem corre pelo errado, que trai a facção e a parceria, e os boca aberta (fala de mais), mas antes passa a caminhada. O que mais revolta é um parceiro morrer porque foi cabuetado. Parceiro é parceiro!” (Escuta de áudio AU-2015).

(...) Das instituições daqui, a única que presta, são as igrejas. É quem a calma as mães quando perdem seus filhos para a bala das meninas de fardas e os comédias. Tem nosso respeito! É noix. (AU-2015)

(...) Matar polícia é cabuloso, o bagulho lombra a parada, atrapalhação na certa, agente respeita a farda e eles nos respeita. É moral, paceria! Polícia não mata traficante patrão, depende do horário, do momento e da situação, mata ‘noía’ e ‘comédia’, traficante de verdade, só dança se não tiver moeda, ou se dê azar. A polícia mata ‘noía’ e ‘otário’, tem tempo que entra na favela e mata três, quatro e cinco, só para falar que estar fazendo seu trabalho. Mas se precisar agente mata, entre matar e morrer, eu mato, se for para fortalecer. Estou na facção desde os 13 anos, meu tio e meu irmão que também, vendia artesanato e tatuagem de hena, turista pedia eu arranjava. (AU-2015)

Os áudios que circulam nos grupos de Whatssap dos integrantes da facção, buscam afirmar a coesão do grupo, através de orientações, procedimentos e compreensões prévias que eles possuem em relação a determinadas personagens e instituições, eles mencionam o turista em diversos áudios, este é visto como um cliente que se necessita, cuidar: “não se mata turista na orla”; “turista pedia eu arranjava”; sugerem também revolta e sentimento, pelos parceiros que morrem em nome da causa, dialogando com as pichações nos muros do bairro “luta e luto”; a igreja é percebida como uma instituição que tem legitimidade perante o tráfico, pois realiza terapias com as famílias; sobre a polícia os áudios demonstram que no jogo de poder estabelecido, tal corporação não deve ser subestimada, que a ação policial pode ser flexibilizada pela situação e comportamento do bandido: “polícia não mata traficante patrão, depende do horário, do momento”

Após a escuta dos áudios, perguntei ao repórter, porque ele não divulga tais informações no seu programa de rádio, ele respondeu: “Não é interessante para a empresa, a rádio perderia credibilidade com os seus ouvintes, muita gente se beneficia com o tráfico, e eu colocaria a minha pele em risco, outra coisa professor, acredito nisto aê que você ouviu no áudio, o tráfico não mata inocente, ‘inocente não vira presunto’”. As revelações dos áudios e os diálogos com o repórter do programa policial, eram instigantes, poderiam ser desdobradas e melhor aprofundadas, mas nosso interesse em compreender as dinâmicas transitivas do tráfico em Porto Seguro e suas relações entre o “ilegal” e o “legal”, embora sinalizados na fala do membro do

C.P- Comando da Paz, referenciada anteriormente ainda não havia sido alcançado integralmente.

Finalizando mais este encontro com o repórter, solicitei sugestões de nomes que pudessem contribuir com informações na elaboração do trabalho, ele disse que iria me encaminhar para uma pessoa chave, um “Mato” – nome dado a qualquer pessoa de influência sob a qual se mantém um contato estratégico, e deseja manter uma identidade discreta, neste caso o “Mato”, referido integra um ‘conselho externo’, chamado em ocasiões extraordinárias. Perguntei quem era “Mato”, ele disse: “é um cidadão do bem, comerciante forte na cidade, político com mandato, não é bandido, nem traficante, mas pode lhe dar várias contribuições”. O personagem “Mato”, ocupa um espaço de interseção e diálogo entre as facções e a polícia, é bastante popular na cidade, mas tenta não se expor em assuntos relacionados a trama do tráfico, quando chamado busca negociar a paz, contendo a violência e a manança, sua palavra é usada como garantia de cumprimento de acordos entre partes rivais. Como defende Malvasi (p. 696, 2013): “A violência se exacerba quando o poder de negociação no interior do ‘mundo dos ladrões’ e em sua relação com o público (mediado por polícias e sistema penitenciário), se enfraquece”.

Ainda não conseguimos uma conversa com “Mato”. Mas a descrição do repórter sobre a ação deste agente social, foi confirmado em um diálogo que reescrevo, com um integrante do M.P.A:

(...) O bagulho é doido, fica cabuloso, se a menina (polícia) se embola com algum parceiro da comunidade, agente manda um recado para “Mato” e ele passa a visão. Tipo agir como um laranja, não rola nada! Se roer a corda a parceria termina, já aconteceu dele sair de madrugada para separar trapaça. (TB - 2015)

Não é nosso interesse para neste momento, aprofundar a “função de paz”, exercida pelo “Mato” representado como um suposto “conselheiro externo”, o fato é que ele faz parte de uma “teia de ilegalismo”, pois atua de forma a retroalimentar dinâmicas criminosas e possivelmente deve mobilizar seu capital social apaziguador, para obter lucros no âmbito da manutenção de seu capital econômico e “capital político” (Misse, 2006).

Na busca pelo fechamento provisório de um diagrama sobre o tráfico varejistas de drogas em Porto Seguro, um breve relato sobre dinâmicas encontradas na área da orla se tornam necessários, são quase 10 km de equipamentos turísticos, com diversos eventos e festas acontecendo, sobretudo nos complexos de barracas. Começamos com visitas nas três maiores, até que chegamos no ponto de maior dinâmica, que é o “beco da Axé Moi”, conforme já havia sido referenciado pelo comandante da polícia em diálogo expresso anteriormente. A movimentação de jovens, saindo da barraca e passando pelo “beco” em direção à praia é grande durante quase o dia inteiro, a circulação de ambulantes com seus isopores oferecendo água de coco, ou artesanato acompanham o fluxo. A menos de 500 metros dali funciona um Posto da Polícia Militar, com duas viaturas paradas, como se estivesse realizando a segurança da área. A comercialização dos papalotes de cocaína e dos cigarros de maconha acontecem às claras, o cliente sinaliza para o vendedor de água de coco, ele vai até uma banca de baiana de acarajé mais à frente e retorna, tal dinâmica se repete inúmeras vezes, o vendedor de água de coco nunca volta com acarajé. Neste cenário, a figura tradicional do traficante é descaracterizada e diluída através da representação de trabalhadores informais, que percebem a participação direta

ou indireta no tráfico como uma oportunidade de adquirir um soldo para a manutenção da vida social. O ilegalismo se monta a beira mar sob proteção da polícia, que também lucra com a dinâmica da ação. Não houve tempo hábil, para o estabelecimento de contatos mais próximos, com as figuras de maior ou menor proximidade com das diversas “Doralices” (Telles, 2010), que também se mostra presente no tráfico varejista de drogas em Porto Seguro em sua articulação com a economia do turismo.

A área da orla é um território em disputa pelas facções, no jogo de poder estabelecido, o maior controle é realizado pela polícia, que realiza a gestão da violência, que se desdobram em “jogos de vida e morte” (Telles, 2010). Nesta área é proibido matar e acionar mecanismos geradores do medo, daí uma explicação possível para se compreender os baixíssimos registros de crimes neste orla, o contrário afetaria a economia do turismo e com isto todos perderiam. Obedecendo esta lógica é acionado o mecanismo do “pedágio”, a facção que pagar mais ganha o direito de exploração da área. Como expressa, Barbosa (2005), tratando-se de um comércio inserido nas próprias lógicas de economia do mercado, o tráfico de drogas precisa estar inserido num contexto de economia dinâmica e com presença de clientes, o que implica a necessidade de negociar “impostos” com a polícia, responsável pela área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos paradoxos do fenômeno turístico positivities passam a se instituir de formas associadas com as negatividades, a economia do turismo se associa à economia do tráfico, formando uma só economia contraditória e predatória. O turismo em Porto Seguro, ao mesmo tempo que gera fluxos econômicos e amplia a receita municipal, ele também indiretamente produz um conjunto de mazelas sociais, entre estas o crescimento da violência e da criminalidade, radicalizada através do tráfico de drogas. Uma das conclusões preliminares deste estudo é que há um grande abismo entre a cidade ideal, vendida e fetichizada como produto turístico reificado por uma mídia mercantil, e a cidade real ignorada por esta mesma mídia. O outro lado do paraíso, sem visibilidade na mídia nacional e internacional, é a forma como se constitui o turismo predatório, apoiado por um hedonismo radical, expresso através de exploração sexual, aventuras eróticas com adolescentes e jovens, consumo delirante e tráfico de drogas ilícitas o que repercute na ampliação dos índices de criminalidade e a montagem de um conjunto de teias de ilegalismos.

O tráfico a varejo de drogas em Porto Seguro, além de mobilizar uma disputa de facções polarizadas através do M.P.A e do C.P, territorializadas no Baianão e no Campinho respectivamente, é arbitrada pela polícia, que mobiliza um complexo mecanismo de negociação que se pulveriza pela cidade, através de redes, estabelecidas por atores que lucram direta ou indiretamente com a economia da morte

Os períodos de alta temporada turística coincidem com o período no qual se há mais incidência de homicídios nas periferias de Porto Seguro, tal relação possibilita o argumento de que a economia do turismo ao incorporar o tráfico de drogas, mobiliza uma teia de relações, que em seus conflitos por disputa de lucros repercutem na ampliação dos índices de criminalidade juvenil no município. Construindo assim o outro lado do paraíso, com pouca visibilidade na mídia nacional e internacional, expresso através de um turismo predatório que aciona um conjunto de relações conflitantes e na alocação de Porto Seguro entre as dez cidades mais violentas do país, deixando consequências perversas para o cotidiano dos habitantes, pois as rixas

acentuadas na alta estação permanecem durante o ano promovendo mais violência e criminalidade.

Mesmo com possíveis diferenças ao que se refere ao volume da criminalidade nas periferias das metrópoles, as dinâmicas do tráfico em Porto Seguro, cidade de médio porte, reproduz em complexidades mecanismos similares aos utilizados nas grandes capitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. *Exclusão socioeconômica e violência urbana*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

BARBOSA, Antonio Rafael. *Prender e dar fuga: Biolítica, sistema penitenciário e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado). Museu Nacional/UFRJ, 2005.

BIANCHI, Leila. *Os sítios urbanos como atração turística: o caso de Porto Seguro*. In: Caderno Virtual de Turismo, 2005, n. 1. Disponível em: www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc.php?id=90&article=28&mode=pdf Acesso em: 29 jun. de 2007.

BLANKE, Jennifer; CHIESA, Thea. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2009*. World Economic Forum, Geneva, Switzerland. Visitado em 20.01.2015. , Editors (2009).

DAHRENDORF, R. *A lei e a ordem*. Brasília, Bonn, Instituto Tancredo Neves/ Fundação Friedrich Naumann, 1987.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EMPRESA DE TURISMO DA BAHIA (BAHIATURSA). *BAHIATURSA 30 anos: 1968 - 1998*. Salvador, Bahia: SCT, 1998.

FELTRAN, Gabriel. 2007. *Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos*. Temáticas, 15:1-27.

_____. *Crime e castigo nas periferias da cidade: repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo*. Cadernos CRH, 23(58):59-73, 2010

GRILLO, Carolina. *O “morro” e a “pista”: um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas*. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, p.127-148, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Sítio Histórico do Descobrimento: patrimônio cultural*. Porto Seguro, 2000. 27 p.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. *Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano*. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

MALVASI, Paulo Artur. *A “mente” e o homicídio: A gestão da violência no tráfico de Drogas em São Paulo*. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol.6, - Out/Nov/Dez 2013. pp.675-698.

MISSE, Michel. *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lúmem Júris, 2006.

PINHEIRO, Lessi; GUIMARÃES, Carla Regina; COSTA, Robert Macedo. *Indicadores macroeconômicos do turismo, dos principais destinos litorâneos da Bahia, no período de 1998 a 2008*. Ver. CULTUR, ano 05, nº 01/Especial – Jan/2011. Disponível em: www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

RIFIOTS, Theophilos. *Nos campos da violência: diferença e positividade*. Laboratório de Estudos da Violência – CFH/UFSC, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~levis/downloads/artigos/NCVDP.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SILVA, Leonardo Thompson da. *CULTURA, TURISMO E IDENTIDADE LOCAL: impactos socioculturais sobre a comunidade receptora de turismo – Trancoso, Porto Seguro - BA. - Ilhéus (BA): Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2006. v, 160p.*

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Violência em tempos de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Violências e conflitualidades*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009

TELLES, Vera da Silva. *Nas dobras do legal e do ilegal: ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade*. Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol.2 – nº 5-6, Jul/Ago/Set-Out/Nov/Dez 2010. pp.97-126.

_____. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência: Os jovens do Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2014.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

© Copyright Antônio Mateus Soaresy Revista *GeoGraphos*, 2016. Este artículo se distribuye bajo una Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.



GIECRYAL
GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE
ESTUDIOS CRÍTICOS Y DE AMÉRICA LATINA